

ISABEL STILWELL

FILIPE I  
*DE* PORTUGAL

O REI MALDITO

*A luta entre a infanta portuguesa e o  
rei de Espanha pela coroa de Portugal*

 Planeta

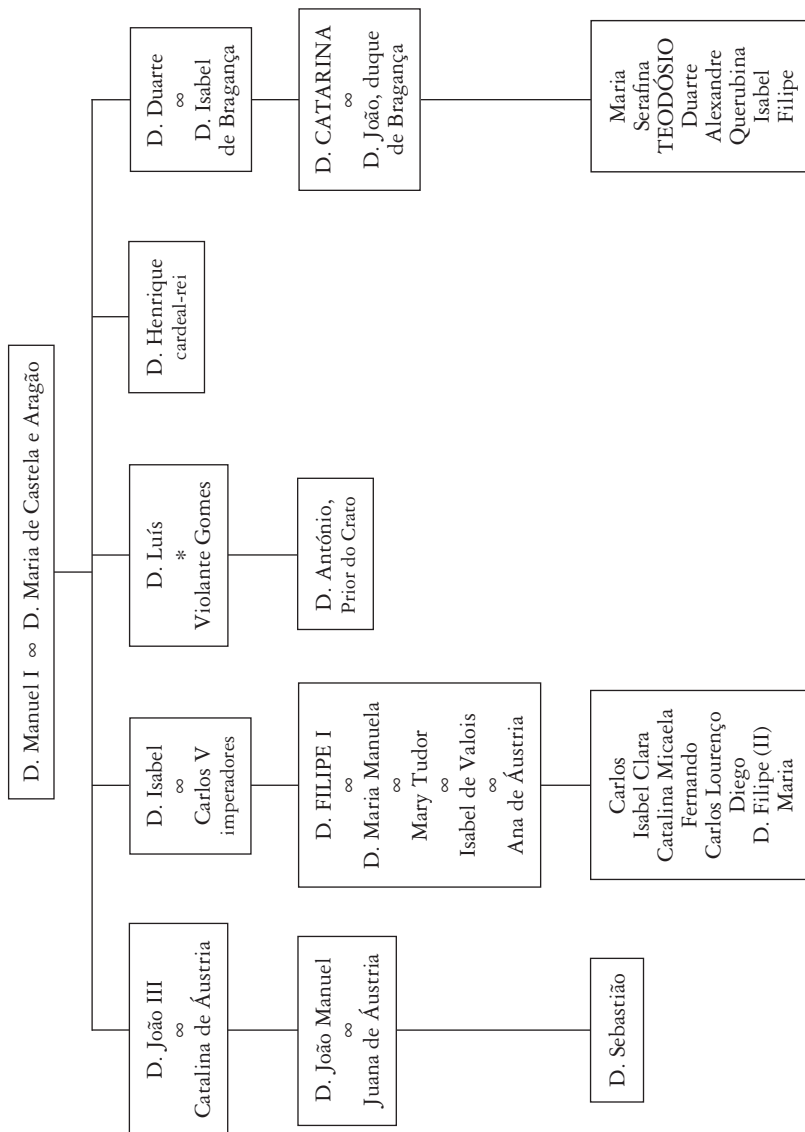
Ao Jose Calvin, que conhece D. Filipe melhor do que ninguém,  
por toda a alegria que gerou a troca de conversas em redor deste rei.



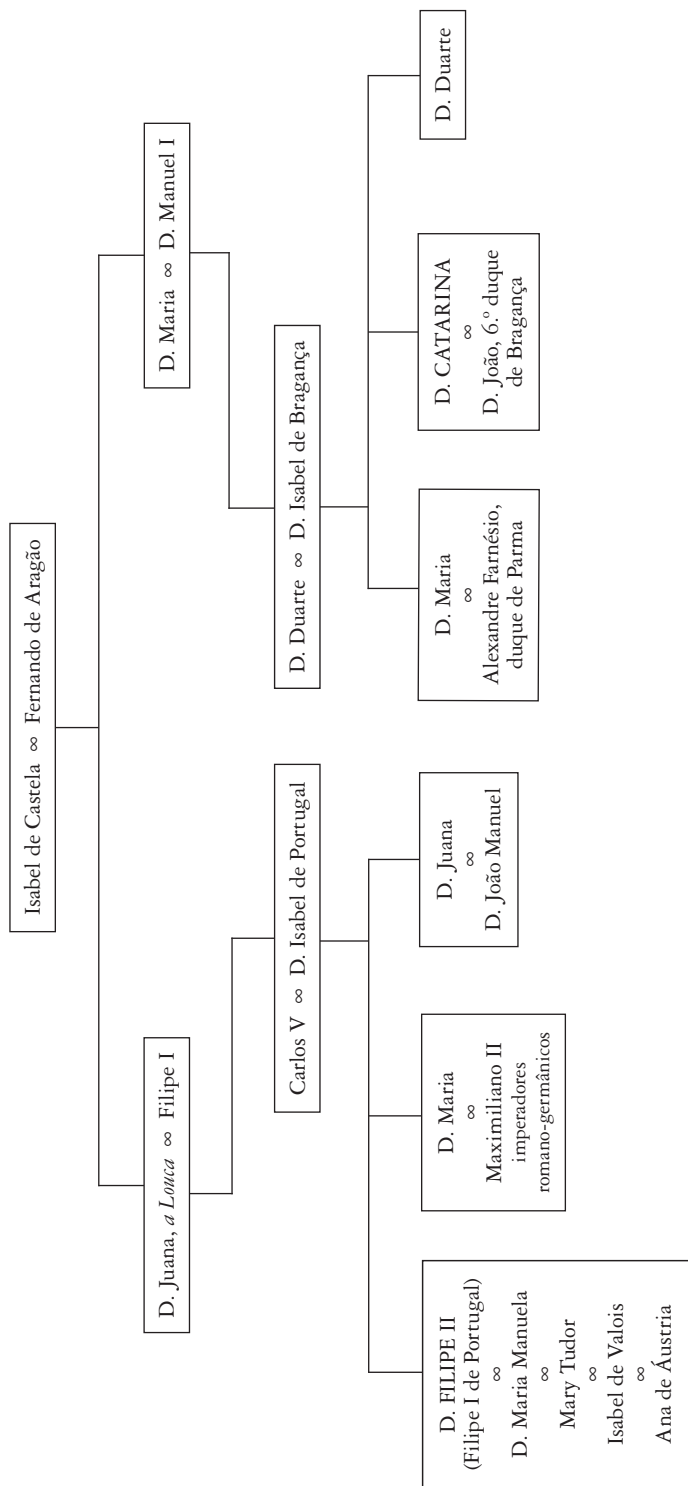
# Índice

Árvores Genealógicas .....	10
I PARTE	
Um Cometa Que Aponta para África (dezembro de 1576-junho de 1578) .....	13
II PARTE	
A Batalha dos Três Reis (julho de 1578-agosto de 1578) .....	95
III PARTE	
A Indecisão por Natureza (agosto de 1578-fevereiro de 1580) .....	115
IV PARTE	
O Império da Traição (fevereiro de 1580-dezembro de 1580) .....	257
V PARTE	
O Reino a Seu Dono (dezembro de 1580-maio de 1583) .....	331
Epílogo .....	538
<i>Dramatis Personae</i> .....	547
Bibliografia .....	557

## Os Protagonistas deste Livro



## Descendentes dos Reis Católicos





I PARTE

# UM COMETA QUE APONTA PARA ÁFRICA

(dezembro de 1576-junho de 1578)





## Filipe II de Castela

Rei de Navarra, de Nápoles, Sardenha e Sicília,  
duque de Milão, senhor dos Países Baixos.

Nasceu em Valladolid a 21 de maio de 1527.  
Filho da imperatriz Isabel de Portugal e do imperador Carlos V,  
neto de D. Manuel I, rei de Portugal.  
Rei de Inglaterra e da Irlanda de 1554 a 1558.

Casado quatro vezes, foi pai de Carlos, Isabel Clara Eugénia,  
Catalina Micaela, Fernando, Carlos Lourenço, Diego,  
Filipe e Maria.



**Real Mosteiro de Santa Maria de Guadalupe,  
22 de dezembro de 1576**

**F**ilipe tomou as rédeas das mãos do criado e colocando o pé no estribo alçou-se para a sela com agilidade, apesar dos seus 51 anos e da gota que, nos dias maus, atacava a mão direita, quase o impedindo de escrever.

Puxou o barrete de lã para a frente para proteger os olhos claros que reagiam à luz do meio-dia, inspirou o ar fresco, sentindo com prazer o sol de inverno. O rei de Portugal chegava e ele saía ao seu encontro.

Meia légua à frente, pela primeira vez viu Sebastião e inesperadamente emocionou-se: aos 21 anos, o seu sobrinho era igual à mãe, o cabelo ruivo de Juana, as sardas que, desobedientes, lhe sarapintavam a cara e o mesmo ar solene. Querida irmã...

Desceu da montada, vendo-o fazer o mesmo, e aproximando-se abraçaram-se longamente, com genuína comoção. E também, claro, para que constasse dos relatos daquele encontro.

Como previamente ensaiado, dirigiu-se a Sebastião com a maior deferência:

– Vossa Majestade – proferiu alto para que todos o escutassem, verificando como o rei reagia com satisfação ao título que substituíra o usual «Alteza», com que tradicionalmente o rei de Castela se dirigia ao de Portugal. Mordia o isco da lisonja, constatou, com um sorriso condescendente. Talvez naquela idade tivesse sido como ele. Mas sabia que não. Aprendera desde muito novo a desconfiar, a desconfiar sempre de tudo e de todos. O pai repetia-lho a cada carta que escrevia, lembrando-o de que os bajuladores eram a praga de todas as cortes, as suas palavras mais mortais do que a mais afiada das adagas. Por muito que tentasse fugir a essa visão tão cínica que recebera por herança, falhava sempre.

Esforçar-se-ia mais.

Apontou a escadaria que conduzia à igreja do mosteiro jerónimo, com visível orgulho:

– Foi aqui que o meu avô Manuel fez uma promessa à Virgem, pedindo-lhe o sucesso da empresa de Vasco da Gama, que partira em demanda do caminho marítimo para a Índia...

Sebastião interrompeu-o:

– Eu sei – afirmou, sem a mais pequena cerimónia ou delicadeza, perdendo-se num entusiasmado relato sobre a viagem a Toledo de D. Manuel e da sua mulher, D. Isabel, rainha de Portugal, para serem jurados herdeiros do trono de Castela, como se Filipe não conhecesse a história de cor e salteado.

– Aragão recusou-se a reconhecer o direito da senhora D. Isabel, por ser mulher, mas aceitaram o seu filho, o príncipe Miguel de la Paz, também reconhecido pelas Cortes de Castela e de Portugal.

De um fôlego concluiu:

– Se D. Miguel não tivesse morrido, em lugar de aqui estarem dois reis, estaria apenas um.

Filipe concordou, com um sorriso amável, mas, virando ligeiramente a cabeça para trás, trocou um olhar discreto com Juan de Silva, o seu embaixador em Lisboa que acompanhava Sebastião nesta viagem. Estaria o rei de Portugal a testá-lo, porventura envenenado por aqueles que lhe lembravam que a união das duas coroas estivera bem presente nos pensamentos – e nos atos – do imperador Carlos V, que o neto Sebastião tanto admirava? Ter-lhe-iam dito que, também ele, alimentava esse sonho?

Mas Sebastião parecia limitar-se a constatar um facto, e subia já apressadamente os últimos degraus, deixando-o ligeiramente para trás.

– Coxeia – constatou Filipe consternado, quase ao ouvido de Juan de Silva.

– Tem uma perna ligeiramente maior do que a outra – confirmou o embaixador.

– Também o braço e a mão direita são ligeiramente maiores – acrescentou o rei, com frieza.

Ninguém lhe falara nestas pequenas deformidades. Como era possível que lhe sonegassem informação, quando exigia que lhe contassem tudo, ao mais pequeno detalhe? E os pintores que a sua irmã Juana mandava anualmente à corte para retratar o filho, também eles o tinham enganado? Temiam reavivar memórias, imaginando que qualquer comentário às deficiências do sobrinho lhe traria ao espírito o seu filho Carlos, o seu primogénito, que morreria em circunstâncias terríveis? Inspirou fundo, procurando acalmar-se. Com que legitimidade podia protestar com a dissimulação, se ele próprio ordenara ao pintor Sánchez Coello que escondesse a marreca do príncipe herdeiro sob um casaco largo, modificando-lhe as proporções da cabeça, demasiado grande, transformando a sua expressão trocista e cruel num suave sorriso. Não se podia confiar em ninguém, murmurou para si mesmo, enquanto se ajoelhava ao lado do rei de Portugal frente à imagem da Virgem de Guadalupe, com uma devoção igual à dele.



Filipe seguiu o fio do riso como que hipnotizado e, abrindo a cortina discretamente, espreitou a mulher e as filhas, que estavam tão concentradas no que lhes dizia a truã Magdalena Ruiz que nem deram por quem as espiava. O rei observou atentamente aquela que era a sua quarta mulher, Ana de Áustria. Embaladas pelo divertimento, as madeixas douradas escavavam à touca de pérolas, movendo-se ao balanço do corpo esguio e elegante, enquanto as mãos finas, cobertas de anéis, subiam ao rosto, puxando o cabelo para o lado, num gesto que se tornara tão familiar.

A rainha era vinte anos mais nova do que ele e, se fosse honesto consigo mesmo, e geralmente era, teria de confessar a relutância com que tornara a casar, convencido de que a melancolia que sentia se suportava melhor sozinho, mas prevalecera a necessidade de um herdeiro varão. Mas agora queria-lhe muito.

Quatro casamentos, mais um do que indicavam os prognósticos de Matias Haco, o médico e matemático do imperador, que lhe oferecera a sua carta astral aquando da primeira visita que fizera aos Países Baixos. Continuava a lê-lo em momentos de incerteza, mas, neste ponto, o astrólogo enganara-se redondamente – era feliz com Ana, embora nunca tivesse sido abençoado com um amor tão arrebatador como o dos seus pais, mas que talvez ainda viesse a conhecer. Por culpa da conjugação astral sob a qual nascera, uma dupla conjugação de Júpiter, Vénus e Marte com Saturno, ou apenas porque era o preço que pagavam os espectadores de uma paixão como a que unira a imperatriz Isabel de Portugal e o imperador Carlos V, um amor que excluía tudo e todos, como se naqueles momentos não existisse mais ninguém à face da Terra. Nem sequer os filhos.

Ana ria de novo, subindo-lhe ao rosto o rubor provocado por uma das graças descaradas de Magdalena, puxando para si a enteada mais nova, Catalina Micaela, entrelando nos braços a infanta de nove anos, num gesto cúmplice. Uma madrasta conquista o coração de um homem pela ternura que demonstra para com as suas filhas, pensou Filipe. Sabia que Ana chegara à corte com instruções precisas nesse sentido, mas anos depois aquele sentimento era genuíno, e nem a própria maternidade o modificara. Devia-lhe três varões consecutivos, de que haviam sobrevivido dois, que Deus os guardasse.

– Dizem que o senhor D. Sebastião se parece com o rei de Castela, mas que lhe faltam algumas partes. – A voz de Magdalena Ruiz, de novo. – Vossa Majestade está da cor das cortinas atrás das quais se esconde – acusou, sem sequer se virar na direção do rei.

Filipe entrou na sala.

Só a velha Magdalena se atrevia a falar-lhe naquele tom, não o admitia sequer aos outros truões e bufões que o rodeavam desde novo, nem sequer a Miguelito ou a Luis Tristán, todos eles escolhidos a dedo apesar dos protestos do pai, que considerava este seu gosto uma bizzarria preocupante. Que

gozo lhe dera contrariar o pai, mas depressa descobrira que eram os únicos que falavam verdade, e Magdalena mais do que todos os outros. Servira primeiro a imperatriz Isabel, depois a princesa Juana, e ele recebera-a de herança, prometendo à irmã no leito da sua morte que cuidaria dela. Agora unia-os uma lealdade profunda de que não prescindia. Era louca, é claro que era louca, mas bem menos louca do que dava a entender, de um desassombro que o espantava, sem sombra de medo. E fazia-o rir.

Magdalena repetiu a provocação que fizera corar a rainha:

– Vossa Majestade, é verdade o que se diz sobre o rei de Portugal?

Filipe interrompeu-a, fingindo-se agastado:

– Cala-te. Já mandei cortar cabeças por menos.

Magdalena Ruiz encolheu os ombros:

– Ainda está por forjar o machado que há de decepar a minha. É assim como digo?

Filipe ignorou-a, sentando-se e chamando para o seu lado a filha mais velha. Isabel Clara Eugénia era alta para os seus dez anos, herdara da mãe, a princesa francesa Isabel de Valois, o rosto oval perfeito, mas a boca era igual à do pai, o lábio inferior ligeiramente descaído, muito ligeiramente, que se definia facilmente numa linha firme – crescera depressa, órfã de mãe ainda não tinha três anos, protetora constante da irmã mais nova.

Fazendo-lhe uma festa, Filipe anunciou, tratando-as pelo diminutivo que o divertia tanto:

– Ordens para a Maior e para a Menor, mas que se aplicam também a ti, Magdalena Ruiz: nem vos passe pela cabeça sair dos aposentos sem ordem minha durante os dias em que o senhor D. Sebastião aqui estiver.

Isabel Clara protestou:

– Mas, pai, porque é que não posso conhecer o meu noivo?

Desde criança que sabia que a mãe e a tia Juana tinham combinado, logo no dia do seu batizado, casá-la com o primo português, unindo os seus respectivos filhos, e Magdalena assegurara-a de que Sebastião vinha a Guadalupe com o propósito de negociar o casamento...

Mas Filipe reagiu, irritado:

– Noivo? Não quero essa palavra pronunciada nem a brincar – reagiu Filipe, fulminando a truã com o olhar, metia-se onde não era chamada.

Isabel Clara baixou os olhos, mas Magdalena Ruiz não se deixou amedrontar:

– Pois acho muito bem que Vossa Majestade não o permita. Era o que faltava que a minha menina casasse com quem não gosta de mulheres...

Filipe pôs-se de pé, mas Magdalena já saía pela porta, exclamando alto:

– Já disse o que tinha a dizer. Agora vou apanhar morangos.

A infanta Catalina Micaela escondeu o riso. «Disparate, morangos em dezembro», murmurou ao ouvido da madrastra. Ana reagiu com um gesto suave que colocava um ponto final na conversa, que visivelmente incomodava

o marido, e procurando mudar de assunto perguntou pelo embaixador, de quem gostava muito:

– Juan de Silva veio com o rei?

– Juan de Silva e, também, Cristóvão de Moura – respondeu Filipe.

Cristóvão de Moura! As irmãs entreolharam-se, entusiasmadas. Sabiam que podiam contar com Cristóvão de Moura. O valido e espião português que servia o rei de Castela era o melhor contador de histórias e de intrigas que conheciam – entre justas, caçadas e serões de música, encontraria forma de lhes vir relatar os pormenores mais escaldantes da estada de D. Sebastião em Guadalupe. Magdalena ia ficar contente com a notícia.

Filipe voltou a sentar-se e, mais descontraído, descreveu o sobrinho, que finalmente conhecera. A rainha interrompeu-o:

– Então continua igual ao retrato favorito que Juana tinha dele nos seus aposentos.

Ana recordava-se de como a cunhada, na sua agonia final, estendia as mãos para o menino de pele branca e cabelo ruivo, espartilhado por uma armadura, a mão na coleira de um galgo quase do seu tamanho.

Lamentou:

– Deixou o filho com pouco mais de três meses e nunca mais o voltou a ver, embora estivesse aqui tão perto.

Filipe sentiu uma crítica e reagiu:

– Quando o deixou entregue aos avós, acreditava que era por pouco tempo...

Inspirou fundo e Isabel Clara juraria que o pai empalidecera:

– Foi tudo por minha causa. O imperador exigiu que viesse substituir-me na regência de Castela, quando ficou decidido o meu casamento com Mary Tudor, rainha de Inglaterra. Procurei prepará-la o melhor que pude, mas era tão inteligente e perspicaz que nunca precisou de grandes conselhos.

Ana defendeu o sogro:

– O imperador não podia virar costas à oportunidade de o filho se tornar rei de Inglaterra e da Irlanda. De devolver o reino à obediência de Roma, de controlar o canal da Mancha e o mar do Norte, de bloquear os franceses e impedir que apoiassem os protestantes.

Filipe sabia tudo isso, mas desabafou:

– Um príncipe de 25 anos não tem vontade nenhuma de casar com uma mulher de 37 anos, muito menos quando o contrato o coloca numa situação subalterna, cheio de cláusulas secretas que limitam o seu poder.

Encolheu os ombros e continuou num tom gelado:

– Mas evidentemente que, quando o imperador me mandou perguntar se aceitava, respondi o que esperava de mim: que quando se tem um filho tão obediente só importa a vontade do pai. Tal como eu, também Juana não podia ter recusado a ordem de regressar.



E num tom amargo rematou:

– Nenhum de nós era capaz de dizer que não a uma ordem do nosso pai. O imperador usou-nos a todos, às irmãs, aos filhos, à mulher... usou-nos...

Sentia-se sempre tão dividido entre a admiração profunda que tinha pelo pai, as memórias dos momentos de cumplicidade passados juntos, e a raiva pela forma como os manipulava e chantageava, vitimizandose constantemente. Perturbado, atalhou:

– O imperador cumpriu o seu papel, como agora cumpro o meu. Num posto como este, não há lugar para caprichos pessoais nem para interesses próprios, e a família confia só na família, a família serve a família.

Mal pronunciou estas palavras, sentiu um aperto no peito. Era a voz do pai que as proferia através dele. Acontecia em tantas ocasiões repetir com os exatos mesmos termos as instruções detalhadas que o imperador lhe entregara quando, pouco após a morte da mãe, partira para defrontar o velhaco do rei de França. Não se atrevera a ausentar-se das Espanhas sem um regente real, temendo a revolta dos nobres e das cidades, como já acontecera, deixando-o como «regente nominal», porque só tinha 12 anos. Rodeara-o dos melhores conselheiros, mas, temendo perder a vida na batalha, redigira uma longa carta com tudo aquilo que desejava que o seu sucessor cumprisse, desde a política à estratégia religiosa. E os parentes lá estavam todos, ocupando um capítulo inteiro: enumerava-os um por um, incluindo os de Portugal, evidentemente, ordenando que os procurasse casar a todos entre eles, porque partilhavam não só o sangue real como também os mesmos interesses. Tudo era permitido, suspirou, para que não se alienassem os territórios conquistados. Sobretudo os Países Baixos, porta de entrada para a heresia, porque nisso o pai era absolutamente claro: lutar pela verdadeira fé era o desígnio supremo do chefe supremo dos Áustria. O pai voltara são e salvo, mas o conteúdo daquela carta, esse, ficara gravado dentro de si a ferro e fogo.

Isabel Clara bebia as suas palavras. Se o pai lhe ordenasse que casasse com Sebastião, casaria. Se o pai recusasse o casamento, assim seria.

Mas Filipe, agora, parecia perdido no passado. Quando regressara viúvo a Espanha, morta a rainha Mary Tudor de Inglaterra, porque não enviara Juana para Portugal, para junto do filho? A resposta tinha um nome: Carlos. Mas doía-lhe pensar em Carlos.



Filipe encarou a pilha de documentos com um inesperado desalento. Gostava de papéis e da tarefa meticulosa de os ler e rever, de anotar instruções à margem, do prazer de mergulhar a pena no tinteiro e ver a tinta transformar-se em palavras e as palavras em frases, cobrindo as folhas, mas hoje tinha dormido mal, muito mal, o barulho do vento que varria os cumes

nevados a impedir-lhe o sono, como se fossem uivos de lobos – e talvez fossem. Havia lobos nestas serras, famintos.

Coitados dos lobos, estavam inocentes da sua insónia, admitiu. Era Sebastião e os seus projetos de passar a África que lhe roubavam a tranquilidade. Já o havia procurado dissuadir por carta, dizendo-lhe que não era tempo de abrir guerras no Mediterrâneo, agora que o turco sossegara, investindo antes em dar guerra à heresia dentro de portas, impedindo os protestantes de ganhar terreno, conseguindo vergá-los nos Países Baixos para que não contaminassem outros reinos católicos, mas as missivas empolgadas que recebia como resposta revelavam que as suas palavras caíam em saco roto. Sebastião acreditava que aqueles eram problemas que não lhe diziam respeito, coisas que aconteciam lá longe, nos reinos a norte, como se existissem fronteiras para a heresia. Idiota.

As cartas de Juan de Silva asseguravam-lhe que nada demovia o rei de Portugal. Pior, muito pior, eram acompanhadas de uma avaliação assustadora do carácter do sobrinho, para não falar da suposta impotência de Sebastião, escondida no maior dos segredos, embora a avaliar pelos comentários desta tarde de Magdalena Ruiz já houvesse quem comentasse a ausência de casos amorosos do jovem rei.

«Impulsivo, com a mania de que sabe tudo, irresponsável, doentamente piedoso, cego pela ambição de igualar a coragem guerreira de Carlos V», nas palavras de Silva. Cometera há pouco menos de um ano a loucura de partir às escondidas para Ceuta, onde passara umas semanas em escaramuças com os mouros. Regressara ainda mais convencido de que estava preparado para a guerra santa, recusando a insistência da avó Catalina e do tio, o cardeal D. Henrique, para que antes de mais casasse e produzisse um herdeiro. O Desejado, que dentro de semanas faria 22 anos, esquecia que só o seu nascimento milagroso evitara que a coroa portuguesa já estivesse unida à de Espanha?

Juan de Silva garantia-lhe que o problema estava em que Sebastião sentia verdadeiro asco às mulheres, fugia-lhes até do toque, nem que fosse o roçar de mãos à passagem de um copo de vinho. Seria causa ou consequência da doença que tanto afligira a sua mãe? Aos nove anos, o rei começara por ter uma estranha excrescência que lhe saía do pénis, acompanhada de tonturas e febres, que levava a que ainda hoje os físicos da real câmara temam que não possa gerar filhos. Juana seguira a saúde do filho a par e passo, enviando a Lisboa os melhores cirurgiões e boticários, mas o mal não desaparecia. Sobretudo nas fases em que cavalgava mais horas. Era um amante da caça e exímio na arte da guerra, não faltava ao rei de Portugal destreza e coragem no confronto, asseguravam.

Filipe levantou-se, dirigindo-se à prateleira onde pousara três relógios que trazia sempre consigo e, tirando uma chave, deu-lhes corda um a um, com gestos precisos. Estes gestos mecânicos, programados, sossegavam-no quando se sentia tomado de uma angústia omnipresente.

Voltou à secretária, sentou-se, relendo a folha onde anotara os pontos fundamentais em discussão nos encontros dos próximos dias. Não, não apoiaria a passagem a África do rei de Portugal e não, não lhe daria em casamento a sua adorada Isabel Clara Eugénia.

## 23 de dezembro de 1576

A rainha fez sinal aos músicos para que tocassem mais alto, procurando abafar as vozes alteradas que chegavam da sala onde o marido e o rei de Portugal se haviam fechado há várias horas.

– Estão sozinhos? – perguntou a Juan de Silva.

– Cristóvão de Moura toma notas, mas está expressamente proibido de abrir a boca.

Ana levantou as sobrancelhas num gesto de ironia e o embaixador riu com ela – conseguir calar Cristóvão de Moura era obra, sabiam-no bem.

– O senhor D. Sebastião confia nele porque foi o enviado especial da sua mãe. Tem a vantagem de conhecer bem os dois reinos, porque nasceu em Portugal, mas cresceu na corte da princesa Juana, em Castela.

– O que leva a que seja odiado em ambos os reinos? – quis saber a rainha.

Juan de Silva sorriu:

– Em Portugal tem inimigos entre os que acusam a rainha D. Catalina de Áustria de defender sempre os interesses da família Habsburgo, primeiro os do seu irmão, Carlos V, e agora os do seu sobrinho, o senhor D. Filipe II. Mas até a esses Cristóvão dá a volta. É um sedutor, move-se com uma habilidade invejável entre a nobreza portuguesa.

Foram interrompidos de novo por uma voz zangada, desta vez do rei de Castela, e Ana franziu o sobrolho, preocupada:

– O senhor D. Filipe raramente grita... Parece-me que é a primeira vez que o oiço levantar a voz desta forma, e já somos casados há sete anos.

O embaixador concordou, discretamente. Filipe II não gritava por regra, fazia constantemente questão em recordar que fora uma das lições que recebera do imperador, mas às vezes talvez fosse melhor para todos se gritasse e resolvesse, em lugar de hesitar e protelar.

Uma porta bateu com estrondo e de lá do fundo veio Sebastião, de rosto corado e cabelo desalinhado, rodeado instantaneamente pelos seus cavaleiros.

De Filipe, nem sombra.

Juan de Silva despediu-se da rainha e, aproximando-se da galeria, espreitou para dentro da sala, exclamando com ironia:

– Vossa Majestade, não sabe como me alegro de não encontrar aqui dois corpos apunhalados e sangue a escorrer pelo chão.

Aliviada, Ana ouviu as gargalhadas do rei e de Cristóvão de Moura, antes de a porta se voltar a fechar.



A rainha bordava, levantando calmamente o olhar para Filipe, quando o viu entrar nos seus aposentos. Não perguntaria nada, não tinha pressa.

– É tão casmurro, meu Deus, tão casmurro. Disse-lhe mil vezes que envie um dos meus homens de confiança ao turco e que há fortes possibilidades de acordarmos tréguas. Disse-lhe que o sultão Mulei Maluco também quer paz em Marrocos, que os nossos cofres e os nossos esforços têm de ser contra os protestantes que ameçam acabar com a Igreja, corroendo-a por dentro. Primeiro é preciso submetê-los nos Países Baixos e impedi-los de, mais uma vez, procurarem tomar Castela, Aragão e Portugal, uma tarefa a que tenho dedicado toda a minha vida, e só Deus sabe a que preço, e depois, então, voltaremos a África. Bem melhor fazia se aprovasse o plano de cortar o fornecimento de pimenta e sal aos rebeldes do Norte, isso sim contribuiria para os vergar.

– Não te ouviu?

– Não só não ouviu, como ripostou alto e a bom som. Defende que tem de reconquistar as praças que os seus antepassados ganharam e que o infiel tem vindo a retomar: Safim, Azamor, Arzila, Alcácer Ceguer, Santa Cruz do Cabo de Guer. Diz que somos uns fracos perante o corso e que é preciso tomar Salé e Larache, a partir de onde saem os piratas que atacam os nossos barcos, até porque dali chegam num salto à costa do Algarve. Tem razão nalgumas coisas, mas adora ouvir-se, empolga-se com os seus próprios discursos, confusos, e está plenamente convencido de que sabe tudo. Juan de Silva já me avisara que é um daqueles que imagina que basta ler um compêndio para dominar a matéria.

Ana procurou acalmá-lo:

– É natural que queira experimentar o campo de batalha, em defesa de uma herança que, todos sabemos, o seu avô D. João III foi deixando perder. Filipe, o rei é jovem e com tantos torneios e romances de cavalaria, somados aos relatos dos feitos de Carlos V, sem esquecer a tua vitória em Saint-Quentin e a mais recente em Lepanto, é natural que não queira ficar atrás. Não se dedicou a imperatriz a mandar perseguir o Barba Ruiva...

A rainha sabia que falar na sogra tinha o condão imediato de acalmar o marido. Filipe passou a mão pela barba, procurando serenar:

– Mas era precisamente a minha mãe que insistia que os reis do futuro não podiam arriscar a vida na linha da frente. Dizia-me que esperava que usasse mais a cabeça do que a espada, que negociasse em lugar de gastar recursos, que me caberia estudar os mapas e desenhar as estratégias, ouvindo os melhores, mas que devia deixar os generais a comandar no terreno. E já ela aprendera tudo isto com o seu pai. O senhor D. Manuel nunca esteve numa única

batalha, soube resistir ao impulso de arriscar a vida, sem medo que lhe chamassem covarde, e conquistou o mundo.

Empolgado, insistiu:

– Se o sultão Mulei Maluco nos atacasse, se estivesse aliado ao turco, como à primeira vista parecia, seria eu o primeiro a mandar avançar os soldados. Mas não é assim. O que o meu sobrinho se prepara para fazer é abrir um ninho de vespas...

– Não consegues convencê-lo a deixar que outro dirija os seus exércitos? Não é sensível ao facto de que não tem filhos, que se morre é a independência de Portugal que corre risco?

Filipe sentou-se, exausto:

– Cita-me o meu próprio pai, diz-me que a morte é inevitável, mas que os grandes homens continuam vivos enquanto alguém se lembrar dos seus grandes feitos. Mas o problema é que se imagina imortal.

Suspirou:

– O que dava para estar no Escorial, a supervisionar as obras do mosteiro, em lugar de estar aqui a pregar a quem não me quer ouvir.

O mosteiro foi fundado há vinte anos em homenagem a San Lorenzo em agradecimento pela vitória na batalha de Saint-Quentin contra os franceses, ganha a 10 de agosto, a festa do santo. A primeira do seu reinado, tão pouco tempo depois de o imperador ter abdicado a seu favor, a primeira como Filipe II, rei católico, e em que pela primeira vez na vida entrara em combate. Como podia não ler este sinal como uma prova de que os céus intercediam a seu favor e lhe garantiam um reinado ilustre? Um favor assim agradece-se em grande, e grandiosa era a obra, cheia de segredos e mistérios esotéricos concebidos com um seletivo grupo de arquitetos.

Ana pousou o bordado e chegou-se à frente na cadeira, pousando-lhe suavemente uma mão no braço. Também ela estava desejosa de voltar a Madrid, onde deixara os filhos, Fernando e Diego. Decididamente era preciso urgentemente resolver o impasse nas negociações.

– O duque de Alba já falou com o rei de Portugal? – perguntou.

Filipe pôs-se de pé, deixando cair a mão da mulher, irritado. O velho general do seu pai, por quem, mesmo contra a sua vontade, estava afetivamente tão ligado, encantara-se com Sebastião, beijara-lhe as mãos, exclamando ver nele a reencarnação do imperador.

Palavras que nunca lhe dissera, a ele que tanto as queria ouvir.

– O meu pai sempre me avisou para a vaidade e a ambição de Alba, embora o reconhecesse como um dos melhores do reino, mas parece-me que a idade lhe corrompeu a inteligência, só pode ser isso. Estragou tudo. Quando viu o meu sobrinho, pôs-se a chorar, agradecendo a Deus ter-lhe dado a graça de ver, e cito, «relíquias tão verdadeiras do imperador, meu senhor». Relíquias?! Sebastião corou de vaidade. E agora quem é que o convence de que não é Carlos V? – perguntou, exasperado.

Ana insistiu:

– Mas Alba é a favor desta passagem a África? Reconhece-lhe as qualidades do imperador ou referia-se apenas a parecenças físicas?

Filipe observou-a por instantes, grato:

– A minha querida esposa tem mais bom senso do que eu. Alba considera toda esta aventura um disparate.

– Então que lho diga. Se Sebastião o admira, vai dar-lhe ouvidos.

Filipe negou com um gesto da cabeça:

– O rei de Portugal não foi ensinado a escutar. É o mal de ter sido criado por uma avó desesperada por ter perdido todos os filhos, dez filhos levados, um por um, agarrando-se a esta criança como a uma tábua de salvação para si e para o reino. Pobre tia Catalina, está velha e cansada, e Sebastião já lhe fugiu da mão há muito tempo.

Ana reagiu:

– Não está velha demais para espalhar o segredo que lhe pediste para guardar com a mais estrita reserva: neste momento, toda a gente comenta que o rei acordou casar a sua filha mais velha com o rei de Portugal.

Filipe não se mostrou minimamente surpreendido, nem sequer agastado.

– Não perdeu a habilidade política: sabe perfeitamente o que faz, quer comprometer-me publicamente – concluiu, com um certo orgulho na tia.

Ana insistiu:

– O casamento é o segundo ponto na agenda de Sebastião?

Filipe anuiu:

– Mas adiei o assunto para depois do Natal.

– Vai vê-la na missa, ao serão, não a podes continuar a esconder...

– Juan de Silva garante-me que Sebastião não tem interesse em vê-la. Diz-me que o rei ainda não deu prova de si, nem o tentou jamais. Diz-me que não levanta os olhos para as varandas onde as damas o aclamam, porque há de ser diferente aqui?

Filipe recordou-se subitamente da sua própria entrada em Génova quando, com esta mesma idade, viajara ao encontro do pai, depois de seis anos sem o ver. Tímido, confuso pelos novos rituais e protocolos, não tirara o chapéu, nem sequer inclinara a cabeça para as espantosas damas de decotes fundos, o que lhe valera as críticas e o desprezo dos locais. Na verdade, pensou, corando, tinha então a cabeça cheia de imagens de Isabel Osório, a mulher com que descobrira o amor. Ou, melhor dizendo, os prazeres do corpo e que, ao contrário dos avisos do imperador, só o tinham fortalecido. Como é que tudo começara, como é que a dama de companhia da sua mãe e depois das suas irmãs, muito mais velha do que ele, se transformara em sua amante? No dia em que a sua mão tocara a dele, inadvertidamente deixando-a ficar mais uns instantes do que devia, ou quando a despira, sentindo o seu peito farto contra os lábios, brincando com a sua inexperiência, com o seu incontrolável desejo? Aquilo que conhecia era o resultado, uma

paixão absoluta, quase divina, fugindo do tédio do dever cumprido com a princesa Maria Manuela de Portugal para os ardores da alcova proibida. Os rumores dos seus encontros tinham chegado aos ouvidos do imperador, que o repreendera, mas fora apenas a grande viagem a Bruxelas, o casamento com Mary Tudor, que os separara. Mas mesmo à distância cuidara dela. Isabel Osório era hoje uma mulher rica, e só eles sabiam que tinham sido os seus corpos a inspirar o retrato dos deuses que Ticiano, a pedido do rei, imortalizara na tela. Contemplava-o muitas vezes, divertido, ainda espantado pela beleza dela. Pela felicidade que lhe dera.

Não, decididamente, não era como Sebastião.

28 de dezembro de 1576

— **E**stão bem um para o outro – sussurrou Cristóvão de Moura a Filipe. O rei não conseguiu evitar um sorriso.

Apesar de ligeiramente afastados, conseguiam ouvir perfeitamente a conversa entre o grande duque de Alba e D. Sebastião, em que um e outro se gabavam dos seus feitos, numa conversa de surdos. Filipe imaginou como um pintor talentoso faria daquela cena um espantoso retrato. O duque de Alba alto e esguio, o nariz aquilino, a barba sem um pelo branco a deixar ver uma boca de lábios cheios, o cabelo cortado justo, recortando umas orelhas afiadas no topo que pareciam agitar-se ligeiramente enquanto os olhos perspicazes, que a idade tornara mais pequenos, varriam de cima a baixo o interlocutor, o jovem rei de Portugal, que, sendo uns palmos mais baixo, se via obrigado a olhar para cima. A comoção de Alba parecia ter-se desvanecido completamente, e agora não conseguia esconder a irritação que lhe provocava o que ouvia.

– O duque diz-lhe o que me disse ontem a mim – confidenciou Filipe.

– Que os portugueses não sabem lutar em campo aberto e que os soldados que levam para a batalha são gente do campo, mal preparada para uma batalha? – perguntou o embaixador Juan de Silva, que, entretanto, se aproximara. O duque já lhe dissera o mesmo muitas vezes.

Filipe confirmou com uma ligeira inclinação da cabeça.

Juan de Silva continuou:

– Não admira que o senhor D. Sebastião esteja tão zangado. Desde criança que se treina para o combate, persegue os animais na caça com uma determinação absoluta, e, por vezes, revela mesmo crueldade no momento em que os mata com as próprias mãos.

Filipe estremeceu e, fechando os olhos por um instante, controlou-se. Era de Sebastião que falavam, não de Carlos.



– O rei leu todos os livros de estratégia militar, já estive no terreno, não aceitará que lhe digam o contrário – acrescentou Cristóvão de Moura.

Mas Juan de Silva já ia um passo à frente e dirigindo-se ao rei perguntou:

– A decisão está tomada?

Filipe limitou-se a responder enigmaticamente:

– O senhor duque de Alba preparou comigo uma proposta. Vamos ver como reage o rei de Portugal.



Filipe sentou-se e fez sinal a Sebastião para que tomasse a cadeira à sua frente, para mais uma ronda de negociações – era a quinta sessão que tinham a sós e estava já pelos cabelos. Esta seria a última, jurou a si mesmo, distraído a observar a magnífica tapeçaria que ontem mandara colocar frente a uma das portas, que deixava entrar muito frio.

Sebastião obedeceu-lhe, mas como uma criança irrequieta voltou a levantar-se. Gostava de caminhar pela sala enquanto falava, bracejando com o entusiasmo, como se Filipe não fosse o seu único espectador.

– Vossa Majestade viu-me lutar ontem?

Filipe elogiou-o, com sinceridade:

– Brilhante. A minha irmã está seguramente orgulhosa da destreza do filho. Como também eu o estou.

Sebastião concordou, com um gesto da cabeça. Não esperava outra coisa. E continuou:

– Quando estive em Ceuta, venci todos os adversários mouros, uma e outra vez. Estou mais do que preparado e as insinuações do senhor duque de Alba não fazem mais do que ofender.

Filipe ficou em silêncio, o que irritou ainda mais o sobrinho.

Enervado, Sebastião insistiu:

– Disse-me ainda ontem que o tio D. Luís veio sempre em socorro da imperatriz, que comandou um contingente português na conquista de Tunes, ao lado do imperador.

– Ao comando de um galeão, quebrando as correntes que fechavam o porto – reagiu Filipe, lacónico.

Sebastião fez um gesto de impaciência, certamente que depois desembarcara, seguindo o cunhado, o imperador.

– Vossa Majestade diz-me que foi o único que deu sempre ouvidos à imperatriz Isabel, que escutou os seus apelos contra o Barba Ruiva, mesmo quando Carlos V andava ocupado com as questões do Norte da Europa. Os nossos barcos continuam a ser atacados por piratas do mesmo calibre, mas o senhor D. Filipe quer agora que fiquemos de braços cruzados? O que diria a sua mãe, uma portuguesa?



Filipe chegou-se para a frente na cadeira, ameaçador, era o que faltava que este gaiato o acusasse de trair a imperatriz, mas não disse nada.

– Como podem agora duvidar de nós – continuou a lamentar-se o rei de Portugal.

Filipe desta vez levantou uma mão em sinal de protesto e, procurando manter a voz serena, contestou:

– Seria o último a pôr em causa a valia do meu tio Luís ou do meu avô Manuel. Ou a de Vossa Majestade! Também eu lutei durante dezoito anos contra o turco e sei bem os custos que a guerra nos trouxe, também eu tinha uma divisa, «Até que desapareça a lua», jurando fazer sumir da face da Terra os infieis que a têm nos seus estandartes, mas aprendi com a experiência que é preciso estabelecer prioridades. Sob risco de perder tudo.

Sebastião, insolente, interrompeu-o:

– Talvez porque o rei não ia à cabeça do seu exército, julgando que a partir de Bruxelas, ou mesmo de Toledo, era capaz de comandar as suas tropas. Se lá tivesse estado, como eu estarei nesta cruzada, quem sabe se os melhores militares do rei teriam sido poupados a serem desfilados pelas ruas de Constantinopla e feitos escravos.

O sobrolho franzido do rei de Castela revelava a dificuldade em controlar a sua raiva – pelos vistos, Sebastião estudara atentamente o seu passado e munira-se daquilo que considerava serem as armas para o derrotar nesta negociação. O rei de Portugal punha o dedo numa ferida antiga que nunca cicatrizara totalmente, mas não podia reagir à provocação.

Frio, mentiu:

– Faria tudo de novo. O que teria acontecido se os meus reinos tivessem ficado sem quem os governasse? Sem mim, sem a dedicação da princesa Juana, a heresia ter-se-ia disseminado, como praga que é.

E, involuntariamente levantando a voz, proclamou:

– Se tivesse cem mil vidas, dedicá-las-ia todas a lutar contra aqueles que dessacralizam as igrejas, troçam da Sagrada Eucaristia, destroem as imagens dos santos e profanam as suas sagradas relíquias. Quando baixámos a guarda na Flandres, impediram a celebração de missas e, como um fogo num palheiro, mais de vinte mil pessoas levantaram armas contra o rei e a verdadeira fé.

Empolgado continuou:

– Durante um mês entraram em igrejas, conventos e mosteiros e destruíram tudo, sacrários, hóstias consagradas, derreteram ou roubaram cálices, queimaram paramentos.

A voz embargou-se:

– A vossa mãe chorou inconsolável quando soube que nas igrejas celebraram segundo os seus ritos, afirmando que assim as purificavam. E eu reagi com febres e foi preciso que os físicos me sangrassem, de tal forma me abalaram as notícias. Quando voltei a ser capaz de assinar, mandei que se

gastasse o dinheiro que fosse preciso para esmagar estes monstros. Merecem os maiores castigos.

Sebastião ficou em silêncio por uns instantes, mas logo de seguida voltou à carga, como se o desabafo sentido do tio não fizesse mais do que reforçar as suas convicções:

– Para combater uns, não podemos deixar de combater outros. Como sabe Vossa Majestade, que quando precisou de socorrer Malta do ataque da frota do infiel ou a Flandres dos hereges esqueceu tudo o resto. Porque não permite que se ajude da mesma forma quando o infiel saqueia os nossos barcos, ataca as nossas armadas e toma as nossas possessões em Marrocos?

Filipe contestou:

– Mas é exatamente para pôr um fim a esse estado de coisas que é tão importante a trégua com o turco. A ação precipitada do rei de Portugal pode deitá-la a perder, deitar a perder um esforço diplomático que levou anos.

– Trégua que é em si uma heresia, o santo padre já o declarou, está cansado de que Vossa Majestade se imagine o papa de Espanha – retorquiu Sebastião, pisando uma linha vermelha.

Filipe sentiu o sangue subir-lhe à cara. O desprante deste jovem arrogante, que não sabia nada do mundo para lá da sua porta, como se atrevia a desafiá-lo?

Num tom de voz cortante, procurou pô-lo na ordem:

– O senhor D. Sebastião esquece que veio pedir-me conselho e favores. Não quer visivelmente os conselhos e considera insuficientes os favores, por isso julgo que estamos conversados.

A boca pequena e bem desenhada do rei de Portugal contraiu-se num gesto de irritação e, tal como o tio, também ele corou, as maçãs do rosto vermelhas em contraste com a gola de folhos imaculadamente brancos, os olhos claros brilhantes, em fogo. Aproximando-se, sem desviar o olhar do rei, quis saber:

– Vossa Majestade esteve reunido com o duque de Alba até altas horas da madrugada. Vi a luz no seu gabinete – disse.

Filipe esforçou um sorriso:

– Julguei que o vinho e a sobremesa favorita de Vossa Majestade, o manjar-branco que tanto elogiou, lhe tivessem garantido um bom sono, mas pelos vistos sofre de insónias. É mal de família.

Mas Sebastião não queria perder tempo a falar sobre «males de família».

– Qual é a última proposta de Vossa Majestade? – rematou.

Foi a vez de Filipe se pôr de pé – tinham aproximadamente a mesma altura e quem não soubesse di-los-ia pai e filho, de tal forma eram parecidos.

– Se Portugal quer conquistar o porto de Larache, terá de o fazer por mar. Sebastião encolheu os ombros:

– Foi sempre esse o nosso plano – mentiu. – E que apoio nos dará?

– Com as revoltas nos Países Baixos, não podemos despender mais de cinco mil homens e cinquenta galés.

Sebastião não queria acreditar que, depois de todo este esforço, o que o rei tinha para lhe apresentar era isto.

– Cinco mil homens! – exclamou, zangado.

– Cinco mil homens. Um número condicionado ao evoluir da situação a norte e, evidentemente, às relações com o turco. Sabendo dos planos de Vossa Majestade, é provável que decida atacar-nos primeiro.

E depois, magnânimo, acrescentou:

– Portugal pode vir a Castela comprar trigo, munições e armas. Ao preço de mercado.

Sebastião encaminhou-se para o lado oposto da sala, as mãos atrás das costas, como se, por ele, a conversa tivesse terminado ali. Filipe voltou a sentar-se, enfadado.

Mas Sebastião não conseguia ficar calado muito tempo. Ainda de costas voltadas, vociferou:

– Vossa Majestade, esquece que controlamos o negócio do sal, combatemos a pirataria que ataca os vossos barcos no regresso da Nova Espanha, o prejuízo será grande se nos separarmos zangados...

Ameaçava-o. Filipe prosseguiu como se não o tivesse ouvido:

– Esqueci-me das duas condições para que esta nossa oferta se mantenha de pé – disse. E, não resistindo à pequena vingança, acrescentou: – Ambas sugeridas pelo senhor duque de Alba.

Provocado, o jovem rei de Portugal perdeu a cabeça e fora de si gritou:

– Mais condições?!

– Mais condições. Portugal compromete-se a incorporar nas suas forças seis mil soldados alemães e dois mil italianos, treinados para lutar em campo aberto.

Sebastião pontapeou um banco, que rolou pelo chão com estrondo. De novo, a ofensa, pensou com amargura, queria tanto que o general do avô Carlos confiasse nele. Desiludia-o, estava velho e senil, aliás estavam os dois velhos e senis, o rei e o duque, seguramente invejosos por já não terem idade de pegar em espadas.

Filipe sentiu o desprezo nos olhos do sobrinho, mas não recuou.

– E a outra condição é que a invasão se faça dentro de oito meses.

Sebastião estava agora num verdadeiro transe de fúria. O rei de Castela era um cínico. Um hipócrita. Sabia bem que era impossível organizar a expedição num tão curto espaço de tempo. Tratava-o como a uma criança, que se procura distrair na esperança de que a birra passe.

Enfurecido, embarcou num discurso interminável e, como Filipe se mantivesse calado, acabou por perder as estribeiras, batendo, mais uma vez, com a porta atrás de si. Pela última vez, jurou de novo Filipe a si próprio.



A rainha e as enteadas entreolharam-se ao perceber que Sebastião descia as escadas num passo zangado, mas foi Magdalena Ruiz que comentou com um risinho divertido:

– Lá vai o filho da senhora D. Juana. É um osso duro de roer. Como a minha menina teria orgulho nele!

Catalina Micaela pousou o livro que estava a ler e precipitou-se para a janela de onde se via a porta das cocheiras:

– O rei de Portugal vai dar uma volta a cavalo.

E vendo-o sair, já montado, lamentou:

– Ui, e como esporeia o infeliz animal, está mesmo fora de si.

Magdalena Ruiz aproximou-se, chamando Isabel Clara.

– Senhora, não vai espreitar o noivo de que em boa hora se livra?

Isabel Clara, depois de um instante de hesitação, não resistiu e reuniu-se à irmã no varandim, numa secreta esperança de que Sebastião, por uma vez, olhasse para cima. Não o fizera na missa do galo nem em nenhuma das cerimónias a que tinham assistido juntos. Achava-o tão bonito, e que bem montava, mas sentia-se indignada por ser tão ostensivamente ignorada, mesmo tendo escutado os avisos de Magdalena.

Voltando-se, perguntou à madrastra:

– Terão falado do casamento? O que respondeu o rei à insistência de Portugal para que se contrate o nosso casamento?

Ana içou as sobrancelhas, num gesto de perplexidade:

– Minha querida, nada se vai assinar. Ficou a promessa, mas a decisão final será tomada mais tarde, porque ainda és muito nova...

– Sebastião protestou com esse vago compromisso?

Ana pareceu hesitar:

– É melhor perguntares ao teu pai, mas tanto quanto sei deu-se por satisfeito.

Isabel Clara, inteligente, raciocinou:

– Talvez procure, entretanto, uma mulher mais velha que lhe possa dar filhos imediatamente, libertando-o para passar a África.

Magdalena Ruiz reagiu:

– Ai, meu Deus, meu Deus, mas será que ainda ninguém compreendeu o que se passa? O senhor D. Sebastião prefere enfrentar o mouro a fazer um filho, é assim tão difícil de compreender?

A rainha desta vez enfureceu-se:

– Desanda daqui para fora, Magdalena Ruiz. O que sabes tu disto?

A mulher olhou-a com descaramento:

– Bem mais do que o rei de Portugal! Esquece-se Vossa Majestade de que fui bem casada e tenho duas filhas, que Deus as guarde. Pergunte lá ao senhor duque de Alba se as mulheres se medem aos palmos?

Ana apontou-lhe a porta e Magdalena saiu às arrecuas, fazendo vénias exageradas que provocaram risos que as damas esconderam por detrás dos leques.